



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
NORMAL SUPERIOR**

SÔNIA DE SOUZA SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rio de janeiro
2020

SÔNIA DE SOUZA SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Elaine dos Santos Caetano

Rio de Janeiro

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sa596i Santos, Sônia de Souza

A importância da construção do vínculo na educação infantil / Sônia de Souza Santos.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2020.–
44 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2020. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador Professora Elaine dos Santos Caetano

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação. 4. Vínculo. I. Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

SÔNIA DE SOUZA SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil. Aprovado em dezembro de 2020.

PROFESSOR ORIENTADOR

PROFESSOR LEITOR

PROFESSOR LEITOR

Rio de Janeiro
2020

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro,

SÔNIA DE SOUZA SANTOS

Dedico essa experiência vivida, primeiramente a Deus, sem ele, eu não encontraria forças para seguir.

À minha família, que entendeu o tempo destinado e toda dedicação empenhada a fim de tornar possível este trabalho.

Aos meus amigos, pelo incentivo e torcida pela concretização deste trabalho acadêmico.

À minha orientadora, Elaine dos Santos Caetano e às professoras Maria Delcina Feitosa e Cristina Porto, por toda paciência, pois sem a ajuda delas, eu não teria conseguido concluir essa longa missão.

Aos meus colegas de curso, que, assim como eu, encerram uma difícil etapa da vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu agradeço a Deus, que me permitiu ter saúde e determinação para não desanimar durante a caminhada e fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante esses 3 anos de curso.

Agradeço a minha mãezinha e a minha filha que, mesmo estando em uma fase tensa de vestibular, me apoiou dizendo a todo tempo que eu iria conseguir, fazendo-me sentir mais forte e confiante, vendo toda sua luta diária. Ao meu sobrinho e irmãos, que me incentivaram nos momentos mais difíceis e compreenderam minha ausência enquanto eu me dedicava a realização do curso e deste trabalho.

Obrigada à Heloisa Rego e ao meu tio Severino, que me acolheram e acreditaram no meu potencial.

Expresso minha gratidão a todos os profissionais incríveis do Instituto Superior de Educação Pró-saber, começando pelos professores, que me acolheram e pelas correções e ensinamentos, que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional, em especial, à minha orientadora Elaine, escolhida a mim como um anjo que caiu do céu. Foi com sua ajuda, dedicação e paciência que pude desempenhar essa função, sem ela, com certeza, não teria conseguido. Sua colaboração foi fundamental na elaboração deste trabalho de conclusão de curso.

Agradeço ao Tião, pelo seu cafezinho maravilhoso, que me mantinha acordada durante a aula, depois de um dia exaustivo de trabalho. Agradeço também ao acolhimento nos meus momentos de depressão, com suas palavras de carinho e apoio junto à Simone Dias, que me incentivaram a não desistir dos meus objetivos.

Também sou grata ao meu amigo Edson, que, por muitas vezes, me acolheu em sua casa, me proporcionando momentos de paz e relaxamento; me apoiando, me incentivando, secando minhas lágrimas diante das pressões e por muitas vezes acreditando mais em mim do que eu mesma.

Gratidão aos meus amigos, Cláudio, Harley e Isabela, que, por muitas vezes, reclamaram a minha ausência, mas compreenderam que tudo fazia parte do processo para o meu crescimento profissional.

Obrigada aos meus colegas da turma 2018, com quem convivi intensamente durante esses três anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências, que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formanda.

Por fim, agradeço a mim mesma, que compreendi que não precisamos de muitas coisas, só uns dos outros e dos desejos, que nos movem em busca da realização dos nossos sonhos.

RESUMO

O objetivo da minha pesquisa é partilhar informações, ampliando a visão dos professores da educação infantil para que possam compreender a importância da construção do vínculo e da afetividade na primeira infância, encontrando sentido no seu fazer. Busco que todos possam reconhecer que cada pensamento e cada uma das ações de uma criança são fundamentais para seu desenvolvimento. Tudo escrito aqui diz respeito ao ato de pertencer, conhecer e estar presente em um lugar acolhedor, que valoriza o ser humano dando voz e vez e que respeita o fato de que cada um tem o seu tempo e a sua forma de aprender. Quando encontramos o real valor de sermos acolhidos e valorizados, podemos ir longe.

Palavras-Chave: Educação infantil. Vínculo. Acolhimento. Afetividade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 OS DESEJOS QUE NOS MOVE PARA REALIZAÇÃO DOS SONHOS	12
2 UM MERGULHO EM SI AO ENCONTRO DO NOVO	33
3 A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO ENTRE PROFESSOR E ALUNO	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

Durante o meu percurso nessa formação, encontrei-me com a disciplina de Metodologia de Pesquisa e pude compreender a importância de nos apropriarmos da prática pedagógica, da teoria e dos instrumentos metodológicos. Quando somos acometidos a fazer um trabalho de pesquisa, a primeira questão que não podemos esquecer é a necessidade de ter propriedade e segurança sobre o tema abordado, onde assumo a minha postura como pesquisadora.

A linguagem mais acadêmica me ajudou a não ter receio de me expressar, uma vez que temos uma hipótese para desenvolver o trabalho, a essência é única e exclusivamente minha. Assim, durante o desenvolvimento desse TCC, pude me inspirar e me preparar para colocar em cada palavra minha impressão digital.

Percebo que para esse percurso foi importante conhecer todo o caminho a ser percorrido. Tive que me deixar ser atravessada pela experiência, registrando e tentando manter o equilíbrio. Para que tudo seja aprofundado de forma coerente, tive que focar o olhar, a escuta e principalmente o sentimento. A escrita da monografia é um tecer, em que vamos puxando fio a fio até montar tudo que desejamos apresentar ao leitor.

Eu entendi que, como sujeito da experiência, tenho que estar aberta às novidades e ao meu olhar para minha prática diária. Todo esse momento me fez entender que o mais importante para o processo da pesquisa é sentir o outro e não narrá-lo. Meu objetivo é, então, fazer com que as informações contidas em meu trabalho convoquem e encantem o leitor.

Vou contar para vocês um pouco da minha trajetória, meu percurso no curso de formação de professores do Instituto Pró-Saber, tudo aquilo que compartilhamos, que aprendi, no que transformei o meu olhar, a minha escuta, a minha prática, a minha pessoa... Bom, vamos lá?!

1 OS DESEJOS QUE NOS MOVE PARA A REALIZAÇÃO DOS SONHOS

Desde muito cedo, carregava dentro de mim aqueles sonhos de criança: “quando eu crescer, quero ser advogada, professora ou polícia”. Mas entre essas, a que mais me tocou foi a que me permite ensinar. Então, foi aos treze anos de idade que encontrei o desejo de ser professora, afinal, esse dom já estava no sangue, passado da minha mãe para minha irmã e para mim. Citei minha mãe, porque, quando ela era mais nova, dava aulas para a 4ª série na cidade em que morava e onde eu nasci, na Paraíba. Acho lindo ouvir minha mãe contar o quanto amava ser professora. Porém, ela teve que abandonar seu sonho para ser dona de casa como era exigido antigamente. Depois que uma mulher se casava, só podia cuidar da casa, dos filhos e do marido. Graças a Deus, eu pertencço ao século XXI, em que podemos, por mais difícil que seja, ter voz e vez, em um mundo onde os homens acham que só eles podem tudo.

Foi aos treze anos, que montei a minha primeira escolinha na varanda da minha casa e todos os dias dava aulas para os meus primos e irmãos. Só de contar, eu sinto aquela sensação gostosa de ser professora e ter à minha frente os meus alunos. Adorava escrever no quadro negro, com os pedacinhos de giz que as professoras jogavam no lixo e que, no final das aulas, eu catava e trazia para casa. Sinto muito orgulho desse momento.

Porém, como nem tudo é um mar de rosas, devido à separação dos meus pais, eu tive que estudar pela manhã e trabalhar na parte da tarde, por não conseguir dar conta dos dois, resolvi abandonar a escola e só trabalhar. Logo, o desejo de ser professora foi adiado por alguns anos.

Depois de muitos anos carregando a dúvida se voltava ou não a estudar, me vinha a insegurança se conseguiria conciliar, mais uma vez trabalho, escola e agora família. Por saber que não daria conta das aulas presenciais, resolvi procurar o curso no CEVIW, onde eu só teria aulas de meio período, aos sábados e seria o encaixe perfeito, se não fosse a falta de dinheiro. Porém, Deus me enviou um anjo. Em determinado almoço em família, ao surgir o assunto, o meu tio se propôs a pagar para mim, tudo para me ver feliz e realizada. Foi nesse exato momento, que

senti que a minha vida não seria mais a mesma. Trabalhava de segunda à sexta-feira e todos os sábados, durante um ano e ia para o meu curso das 8h às 12h. Confesso que não foi fácil, pois, para termos sucesso na vida, é preciso abrir mão de algumas coisas menos importantes, mas, entre lutas e desafios, consegui concluir o curso e fiquei feliz da vida com mais essa vitória.

Durante o decorrer da minha vida, eu já fui balconista, babá, empregada doméstica, manicure, vendedora, caixa de mercado, auxiliar de serviços gerais, estoquista, ajudante de sala em uma creche no berçário e fui autônoma, vendendo quentinha em minha própria casa e que, por amar cozinhar, foi um dos melhores momentos da minha vida, em que me sentia realizada profissionalmente.

Foi por falta de uma boa sociedade, que todo o meu negócio foi por água abaixo. Então, sacudi a poeira e resolvi dar a volta por cima. Então, minha irmã, que já trabalhava na creche em que me encontro hoje, me indicou como uma pessoa de confiança. Confesso que só aceitei, porque pensei que fosse ficar na cozinha, mas não foi bem assim e a vaga que me restou foi a de auxiliar de serviços. Como carrego comigo a esperança de que as coisas podem sim mudar, apostei que novas oportunidades surgiriam.

Trabalho nesta creche há treze anos como auxiliar de serviços, e foi aqui que conheci uma pessoa incrível e humana, a minha coordenadora Heloisa. Pois é, foi ela mesmo que me ensinou a enxergar todo o meu potencial e sempre me deu forças para voltar a estudar. Ela sempre me dizia: “vai estudar menina... você tem um futuro brilhante”. Quando eu dei a notícia de que estava estudando, ela pulava de alegria e dizia que agora eu iria para o Pró-Saber. Foi através da Helô, que conheci o Instituto Superior de Ensino. Ela falava desse lugar com enorme encantamento. Uma vez me disse que queria tanto a permissão da Madalena para participar dali, que aceitaria emprego até na área da limpeza. Confesso que todo o seu entusiasmo me despertou muita curiosidade.

Certo dia, Heloisa me convidou para assistir a uma palestra no Pró-Saber e, quando tudo acabou, ela pegou minha mão e me levou até uma sala onde falou: “Olha lá... você está se vendo ali sentada? Eu estou... então, joga pro universo,

porque isso vai acontecer”. Nesse exato momento, senti algo bom e fui para casa pensativa com essa energia.

No mesmo ano em que concluí os estudos, foram abertas as inscrições para o vestibular no Pró-Saber e a Helô, com sua empolgação, resolveu tudo para a gente. Só da Creche Santa Rita, foram quatro inscritas.

Foi marcada a nossa prova. Nesse dia eu suava muito, estava tensa, sem contar a insegurança que me tomava, mas segui confiante: “Seja o que Deus quiser”.

No dia do resultado, confesso não acreditar no que vi. Eu estava em décimo terceiro lugar, com uma nota nove. Vibrando de alegria, voltei para a creche e contei a novidade para a Helô e ela vibrou junto comigo, se sentindo orgulhosa. Eu também estava muito orgulhosa de mim.

Hoje, fico triste, pois a Heloisa não está mais entre a gente e minha caminhada ficou um pouco solitária sem ela. Sinto muita falta dessa pessoa especial, amiga e humana. Cheguei a pensar que estaria perdida e tudo seria jogado por água abaixo.

Quando cheguei ao Pró-Saber, eu imaginava ser uma faculdade cheia de regras autoritárias, com matérias como química, biologia, física... mas não, o que eu encontrei foi um lugar acolhedor, enorme e com um jardim maravilhoso, florido e aconchegante, que faz nossa imaginação fluir, nos proporcionando uma enorme sensação de bem-estar.

Quando chegamos ao Pró-Saber, somos recepcionados por pessoas maravilhosas que ali trabalham e uma dessas pessoas é o meu amigo Tião, que é uma pessoa incrível, sem contar com o aroma do seu café, que nos invade todas as noites, antes do nosso intervalo de 15 minutos, que traz aquela sensação boa de carinho e cuidado com cada um ali presente.

Fotografias 1, 2, 3 – Jardim do Pró-Saber



Autor: Sônia de Souza

Além deste jardim lindo e florido, que encanta a todos que por ali passam, marcou-me muito ser recebida pela turma 2015, quando nos apresentamos e conhecemos a história de cada uma das educadoras ali formadas. Foi a partir desse momento, que me senti segura, percebi que estava no melhor lugar do mundo e, de fato, minha vida teria uma reviravolta de sucesso e conhecimento. Percebi que deveria agarrar o meu desejo e prosseguir enfrentando o medo que, por muitas vezes, chegava a nos paralisar. “Somos sujeitos porque desejamos, sonhamos, imaginamos e criamos na busca permanente da alegria, da esperança, do fortalecimento da liberdade, de uma sociedade a que todos temos direito” (FREIRE, 2008, p. 34). Sem dúvida nenhuma, o encontro do velho com o novo nos causa alguns questionamentos, porque a mudança nos causa certos medos.

Neste encontro com a turma 2015, me senti um tanto receosa ao perceber que a maioria ali presente já era profissional e praticava a arte de educar. Eu era uma das três iniciantes no ramo da educação. A insegurança e o medo me invadiram, fazendo-me sentir o “patinho feio” da história. Minhas pernas tremiam, as mãos suavam e, diante de todo nervosismo, tive que me expor indo a frente para que o grupo ali presente pudesse conhecer um pouco da minha história.

Após marcar o mapa com uma estrela dourada, no local em que moro e que me remete o quanto importante eu sou, senti o quanto foi grandioso o gesto de

acolhimento. Ao me apresentar, expressei que, ao contrário da maioria ali presente, eu era a única que não era professora e minha profissão atual era de auxiliar de serviços, com uma vantagem: exercia essa função na Creche Santa Rita, no bairro do Vidigal. Fiquei impactada com a reação da Madalena Freire, uma mulher que traz consigo uma vibração gigante e contagiante que interviu, dizendo: “Mas o que é isso, Sônia? Todos aqui, de uma forma ou de outra, são educadores! Você, sem perceber, transfere seus conhecimentos para cada criança com a qual convive em seu ambiente de trabalho”.

Foi nesse exato momento, que senti, no fundo do meu ser, que estava no lugar certo. Me senti viva e com mais desejo de aprender e de me apropriar do meu desejo e me assumir enquanto sujeito desejante, que acredita na construção de uma história com foco na educação infantil. Essa tomada de consciência me fez manter firme nesta caminhada, pois tive que me manter acordada e tomar posse da minha vida.

Segundo Madalena Freire, educar (conhecer) não é dividir em pedacinhos e sim viver a totalidade, pois não existe educação sem conhecimento, sem amor, sem esses "temperos", que condimentam o sentido da vida, da educação (FREIRE, 2008, p. 66).

Para que vocês possam entender um pouco mais da minha narrativa, vou usar a fotografia que nos inspira e desperta memórias, para que possam observar e se envolver com toda a sensação de pertencimento, que senti desde o primeiro momento em que coloquei os meus pés no Pró-Saber.

A fotografia abaixo fala um pouco da sensação de pertencimento de uma linda caminhada fazendo educação.

Fotografias 4 e 5 – Auditório do Pró-Saber



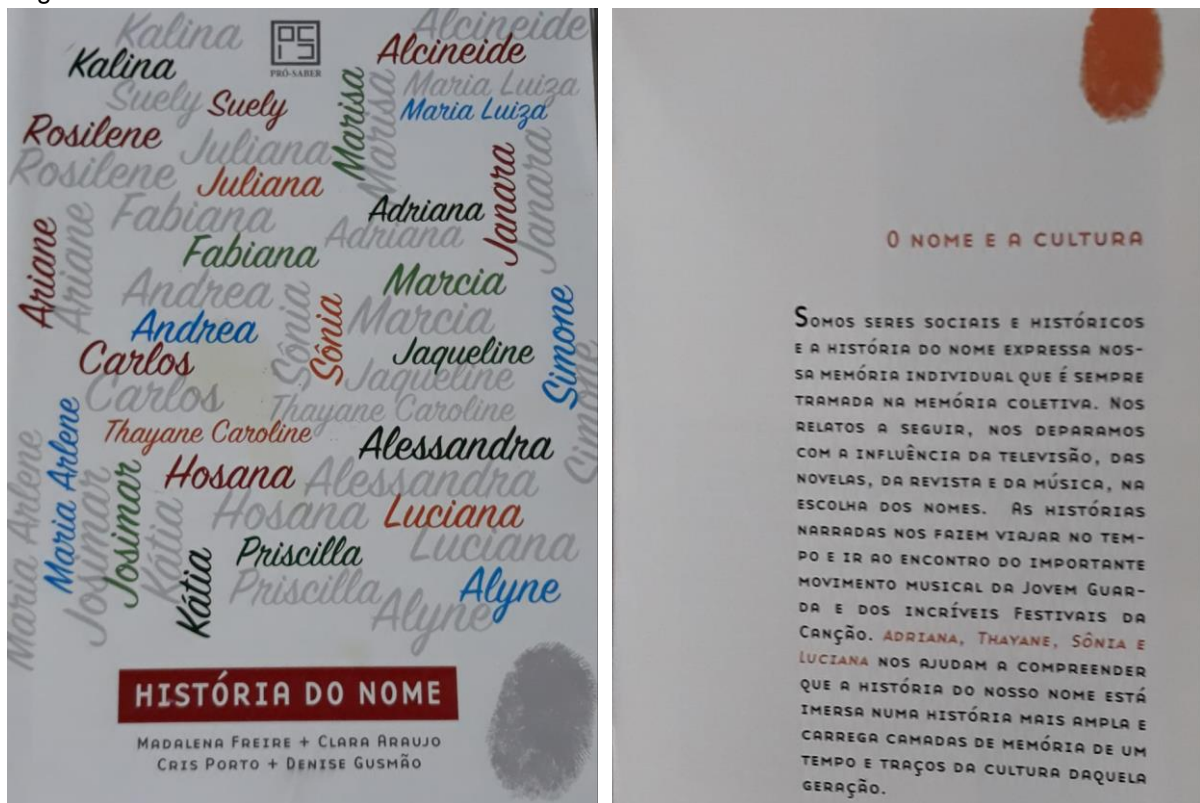
Autor: Priscila Rodrigues



Autor: Jaqueline Santos

Conhecer a Madalena Freire e seus instrumentos metodológicos me marcaram como pessoa. Nunca vou me esquecer da voz dela, dizendo que, para ser um educador, você precisa gostar de gente e se entusiasmar com elas. Saber que o meu nome é o primeiro ouro da minha existência, que a minha digital é única e que só existe uma de mim e como tal, tenho que me apropriar disso, me impactou. E como prova de que o ouro é a pessoa de cada um e que cada um tem sua marca, foi produzido um portfólio provando toda essa paixão de ensinar. Me emocionei nesse dia e me senti muito especial, um verdadeiro ouro em pessoa.

Figura 1 e 2 – Portfólio: História do nome



Acervo da Autora

Pude compreender nesse momento que, como pessoa, eu tenho uma autoria. Porém, quando esse ser se depara com uma concepção autoritária, perde sua marca, seu brilho, porque ele não é ouvido, não tem o olhar atencioso que a concepção democrática aplica.

Entender que todo ser humano tem sua marca e que o seu aprender e conhecer é ouro, foi muito gratificante. Com o foco dentro da concepção democrática, ninguém fica de fora, todos somos importantes. Somos seres humanos e devemos ter a visão de que somos finitos e tomar consciência do ouro que temos, que é o agora, o tempo presente, o tempo que eu assumo como meu.

Nos destacamos dos animais, porque carregamos o desejo. Um desejo no sentido de que nada nos satisfaz. A gente só aprende, porque deseja e não existe pessoa que não deseje. É esse desejo que nos move e nos leva à motivação. Podemos observar, a nossa volta, pessoas que vivem feito bicho e não se apropriam do seu desejo de buscar e com isso acabam sendo manipuladas e perdem sua

identidade. Temos o dever de assumir o que buscamos e a motivação que nos move.

O educador ensina, porque deseja. Agora, resta saber se ele está para a vida ou para a morte. Eu, por exemplo, desejo a vida, pois aprendi a enfrentar os problemas, entendendo que tudo deve ser planejado, assumido, pois sei que por vezes o problema sou eu e não o outro. A vida é isso, problemas do começo ao fim, e, nesses momentos, eu preciso me expor. Porém, vejo em meu entorno muitas pessoas que desejam a morte, porque se omitem, ficam de boca fechada, quando deveriam falar e, portanto, só obedecem e ficam resmungando pelos cantos. Não têm o desejo de fazer a diferença e vivem apenas obedecendo e repetindo, fazem a real cara de paisagem para uma responsabilidade que é sua; preferem se acomodar e com isto saem do jogo da vida. “O ato de ensinar, aprender, construir conhecimento é movido pelo desejo e pela paixão” (FREIRE, 2008, p. 33).

Importante lembrar que a gente só ensina, a partir do que sabe e aprende com a experiência. Tudo tem que fazer sentido e ter significado. Lembro-me que Madalena Freire foi bem clara, quando falou que iríamos entrar em choque com tudo que iremos viver. Ela estava certa também, quando disse que aprender dói e que, para fazer parte do Pró-Saber, você tem que ser e estar presente. O medo faz parte do processo e é ele que nos move. Só aprendemos na guerra, no confronto, é por isso que nomeamos o medo, a insegurança. Aprender dói, porque exige se expor, mergulhar de cabeça, arriscar e se assumir.

Confesso que, por muitas vezes, quis desistir, mas não consegui, porque foi aí que comecei a aprender que é assim mesmo, porque aprender realmente dói. Comecei de um jeito e terminei de outro. Os desafios são muitos, mas é assim mesmo. A cada aula, a aprendizagem e o conhecimento eram alimento para meu crescimento. Para toda e qualquer situação na minha vida, é preciso ter atitude. Quando começo a conhecer esse alimento, começo a me nutrir. Somente eu sei o gosto que tem o meu aprender e diante disso vou conhecendo a mim mesma a cada vez mais. É importante lembrar que, sem o velho, não podemos construir o novo. Quando jogamos o velho fora, acabamos por não assumir esse novo. É o mesmo que estar fugindo do processo de construção da mudança para sua apropriação.

Com a Madalena, eu aprendi que sou humana, tenho que me apropriar dos meus desejos, tenho que lutar pelo que quero, não posso viver sendo manipulada, nem aceitar tudo do jeito que vem. Não devo ter medo de me expor, se eu tenho fundamentos e sei aonde quero chegar.

Todo educador estuda a teoria de outros para assim entender e construir a sua. Com isso, aprendi, nessa concepção democrática, a valorização do grupo e a importância que cada um deve dar à sua aprendizagem. Todos, nesta concepção democrática, somos autores e trabalhamos juntos na conquista valiosa do pensar, nos dando valor e assumindo-nos enquanto modelos.

Só pensamos, porque alguém nos impulsionou a buscar respostas, e mesmo que sozinhos, o outro sempre vai estar agindo em nossas reflexões. Somos finitos, inacabados e, durante esses três anos, aprendi que aqui construímos juntos e cada um tem que construir a sua história e não reproduzir. Somos um eterno pesquisador que reflete suas lembranças, transformando-as em memória. Esse papel de que o professor sabe tudo não tem lugar dentro desta concepção.

O educador é um provocador de opiniões, portanto, é preciso fazer a sua parte, dando voz e vez à criança, verdadeiramente. Inteligência e afeto caminham juntos, sem a construção do vínculo não há efetivo. Educar é estimular a procura do conhecimento. É importante ter um olhar observador e entender que cada criança é o que ela é, e não o que eu quero que ela seja. O fundamental neste momento é respeitar o que a criança traz consigo. Mas, para que isso aconteça, o educador terá que criar um vínculo. Por muitas vezes, estamos tão focados em determinados assuntos, que não percebemos que temos um ouro na nossa frente e isso se dá, porque, no entendimento, somos bons, mas, na prática, ainda não conseguimos ser melhores.

Não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu, em nós, paralisia, fatalismo, cegueira. Para romper com esse modelo autoritário, a observação é a ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante (FREIRE, 2008, p. 45).

Não podemos, dentro desta concepção de educação, esquecer da transcendência do olhar para cada uma de nossas crianças. Temos que estar

atentos no que ela fala, na sua ação e em seu entendimento. Estar convocando-as no dia a dia, saber quem é o seu aluno e manter o olho no olho, é de suma importância para o seu crescimento como educador.

Com esse olhar atento, poderemos mergulhar no desejo de cada criança. Quando o professor não reconhece o interesse de cada criança, ele acaba por anular a sua curiosidade. Sem curiosidade eu não aprendo, muito menos ensino, porque é a curiosidade que nos move. Sabemos que o ver e o escutar fazem parte do processo da construção deste olhar. Normalmente, não temos o hábito de ouvir o que o outro fala e, sim, o que gostaríamos de ouvir. Logo, ver e ouvir tem como intuito a entrega ao outro.

Esta ação de olhar e escutar é um sair de si para observar o outro e só podemos olhar o outro e sua história, se for realizada uma fenda em busca da sua própria história. Com essa tomada de consciência, podemos ter uma ideia de como ampliar o nosso pensamento. Porém, para construir esse fazer, o educador requer uma metodologia, que é a dos instrumentos metodológicos que alicerça o processo de apropriação e autoria. Temos que colocar em prática, a teoria do conhecimento, pois temos um fazer e tudo está atribuído à uma pedagogia. Neste processo essa estrutura me ajudou muito.

Todo educador que atua como coordenador ou diretor é um profissional do conhecimento, um estudioso, um intelectual. Logo, seu compromisso é estimular seus alunos para que entrem em contato com sua própria prática. Segundo Madalena Freire, a disciplina intelectual é a ferramenta básica. Ela diz que, do mesmo jeito que um pedreiro necessita de ferramentas para levantar uma casa, o educador necessita de instrumentos metodológicos para a construção permanente da disciplina intelectual, para o estudo permanente, que alicerça sua autoria e autonomia.

Imagino que você deve estar se perguntando o que seriam esses tais instrumentos metodológicos... Tudo bem, no começo eu também tive esse estranhamento. São eles:

- a observação
- o registro reflexivo sobre a prática/teoria

- a avaliação
- o planejamento

A observação é um dos mais importantes, porque envolve a atenção, a escuta e a reflexão de quem admira e está atento à realidade e aos acontecimentos do dia a dia.

O ato de observar exige estar por inteiro, entregue de corpo e alma; demanda atenção, escuta e muita reflexão. Neste momento, o educador deve estar totalmente presente e atento a cada passo do seu educando. Como prova da importância desse ato de observar, em cada aula, tínhamos uma observadora, sempre com os olhos vidrados nos nossos movimentos. Até a professora era observada. Além de escrever muito a cada aula, o que me deixou um tanto apreensiva, conhecer os pontos de observação da aprendizagem na qual temos que dizer como absorvemos os conteúdos dados na aula foi desafiador.

No ponto de observação da dinâmica, a atenção fica com foco na movimentação do grupo e no ponto de observação da coordenação, o olhar fica atento ao ensinar da educadora presente. No planejamento feito pelo professor, vinham definidos os alunos responsáveis por cada observação da noite. Confesso ser até hoje um momento de muita tensão, mas de grande valia para minha aprendizagem, uma vez que o ato de observar é diário e constante na vida de um bom educador que é comprometido com o seu ensinar.

O registro reflexivo (síntese da aula) causou grande impacto nos primeiros dias de aula, pois, registrar nossos pensamentos e desenvolver nossas ideias através da reflexão, não é nada fácil. No primeiro momento, causa impacto saber que em todas as aulas você tem que relatar tudo que foi significativo e que te deixou dúvidas, tudo isso que nos deixa enlouquecidos, por ter um prazo que exige comprometimento e muita organização com o tempo. Sem contar que cada registro nosso serve como um norte para a construção do planejamento da próxima aula. Foi estudando essa metodologia, que pude compreender que o pensar é uma marca humana.

Quando refletimos, estamos lapidando o nosso pensar. Porém, nesta

concepção democrática em que buscamos uma relação com o outro, o pensar é nossa arma de luta, que fundamenta a autoria e a autonomia. Quando refletimos, criamos hipóteses para serem usadas e testadas em nosso agir, criando algo novo. Este pensar e agir consiste na ação pensante, que ecoa no cotidiano, gerando experiências, mudanças e transformações. Logo, é a reflexão sobre a prática que produz a tomada de consciência amorosa e pedagógica.

Mas não pense que todo o meu espanto parou por aqui, porque temos avaliação e, assim como eu, você deve estar se questionando o que será e ela nada mais é do que pensar no presente para construir o futuro. Ou seja, nesta concepção, de educação, ela é vivida no processo permanente da reflexão cotidiana.

Por fim vem o planejamento, que nasce a partir da avaliação de cada aula. Pude entender que, neste processo, o planejamento é uma hipótese, pois estamos constantemente sendo surpreendidos pelas eventualidades da vida. O educador comprometido com o que faz deve sempre ter um segundo plano para não ficar perdido no caminho.

Mesmo diante de todo meu estranhamento com o novo, por nenhum momento, me senti sozinha, muito pelo contrário, fui acolhida por cada professor que sentia minha aflição. A motivação passada a mim, diante do meu medo, me ajudou a olhar para dentro de mim mesma e a superar todos os conflitos que me impediam de seguir. Neste momento, pude entender a importância de enfrentar o medo, pois é ele que nos impulsiona a um salto qualitativo em nossa vida.

Com isso, me mantive firme, tentando não me cobrar muito, para não chegar ao ponto de desistir e trair meu sonho. Porque esse sonho não é apenas um desejo, o desejo não suporta os desafios encontrados pelo caminho, foi o sonho e o acolhimento encontrados nesta concepção, que me sustentaram e me ajudaram a dar o melhor de mim, sempre esperando um futuro melhor para nossas crianças, quando se trata da educação infantil

Antes de fazer parte do Pró-saber, já tinha em mente que o acolhimento é um fator importante. Porém, sair com essa certeza é muito gratificante. Quando o ser humano se sente acolhido, ele passa a se sentir seguro, podendo assim diferenciar as experiências positivas ou negativas em sua vida. Mesmo sabendo que o

processo de vínculo não acontece de forma mágica, de uma hora para outra, não devemos jamais, como educadores, ser indiferentes, porque a “indiferença mata”, segundo a própria Madalena Freire afirmou.

Posso dizer que o desejo de ser professora me move e é esse movimento que me levará às grandes realizações. Tenho consciência de que é muito complicado trabalhar na área de educação, mas todo educador ensina, porque deseja.

Ao longo desses anos, fui tocada por algumas disciplinas como: a Introdução à Psicopedagogia, ministrada pela professora Heloísa Protásio, em que falamos do ser cognoscente e sua autonomia. No começo, me causou espanto, pois nunca havia pensado ou ouvido falar em "ser cognoscente ". Portanto, para que você também entenda, vamos falar um pouco sobre a abordagem da psicopedagogia aqui no Pró-Saber.

Foi por volta dos anos de 1980, que as portas se abriram para as crianças com dificuldades em aprender a ler. Até então, a psicopedagogia tinha por objetivo compreender as dificuldades de aprendizagem. Mas, para Maria Cecília de Almeida e Silva, psicopedagoga e fundadora do Pró-Saber, o objeto da psicopedagogia é o ser cognoscente e cada um constrói o seu próprio conhecimento.

O objeto da psicopedagogia que procuramos definir não surge como um dado a priori, mas ele é constituído, primeiro, pela ruptura com os sistemas relativamente correntes do pré-saber psicopedagógico generalizado de modo artificial: definições sumárias, falta de nitidez conceitual, definições operacionais, utilitárias, opiniões sensíveis, etc. e depois, pela retificação, pelo alongamento, pela complementação das características positivas desse pré-saber psicopedagógico percebidas através da história da sua prática no Brasil (ALMEIDA E SILVA, 2006).

Com isso, posso dizer que o meu objeto de intervenção não é a dificuldade de aprendizagem, mas sim o eu cognoscente. Como educadora, eu começo a trabalhar essa criança que está na minha frente.

Posso dizer que depois que mergulhamos na psicopedagogia, mudamos completamente o olhar. O ser cognoscente é um ser pluridimensional, formado pelas dimensões racional, desiderativa e social.

Podemos observar com este estudo que, por vezes, a dificuldade que a

criança apresenta pode não ser do racional, por vezes é decorrente do emocional.

E assim foi comigo. Pensava ter um Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e me sentia muito incomodada com isso. Foi então que resolvi procurar a professora Heloísa para conversar. Logo ela me encaminhou para um especialista, com a qual fiz todo o tratamento. Foi constatado que minha dificuldade era emocional. Saí desse acompanhamento muito feliz e fui procurar um psicólogo.

Aí está mais um diferencial do Pró-Saber; aqui nós somos realmente acolhidos e isso me fez sentir importante. Aprendemos muito com o emocional e principalmente com as crianças. O principal objetivo é trabalhar e ajudar cada uma a vencer os obstáculos e as dificuldades que aparecem. E uma coisa fundamental para ajudar essas crianças a vencer suas dificuldades é a autonomia. Foi aí que entendi que a autonomia da criança não tem a ver com saber se vestir ou calçar os sapatos, porque isso é ser independência. A autonomia é ter limites, ter a possibilidade de fazer escolhas de maneira consciente, tem a ver com desenvolvimento. Ou seja, autonomia é quando você assume responsabilidades. Educar para a autonomia significa educar para a reflexão.

Só vai construir autonomia aquele sujeito que tiver um raciocínio lógico, ou seja, a criança tem que ter a capacidade de pensar sobre a ação. A autonomia vem mediante a vivência de um com o outro. Porém, não podemos esquecer que não existirão crianças autônomas se não tivermos educadores autônomos.

A autonomia acontece na relação de liberdade e só assim poderá crescer. E o olhar observador para cada criança é muito importante. Ela se constrói com a liberdade, porém não podemos esquecer que a autonomia exige regras, não deve se repetir e requer criatividade. A mesma só se dá por uma educação transformadora e libertadora. Como educador, é preciso procurar a estética e a ética, pois a autonomia é uma construção que depende de um para o outro e nós somos esse mediador.

A disciplina de Alfabetização Cultural, com a professora Melissa Lamego, teve grande impacto na minha formação ao mostrar que a cultura é essencial para o desenvolvimento do ser humano. Conversar com a arte é conhecer o mundo e conhecer a si mesmo. Neste universo da cultura, em que usamos o senso crítico,

um dos principais fatores é saber respeitar as diferenças. Todo lugar tem uma história e lembranças adormecidas, que precisam ser germinadas. O segredo da vida é o movimento e a arte nos ajuda neste deslocamento.

A cultura se constrói, mas para isso se faz necessário uma ampliação para identificar o diferente. Enquanto educadores, lidamos com a diversidade. É importante lembrar que a arte se manifesta em cada um de nós diariamente.

Nesta disciplina, aprendi que a educação vai muito além da sala de aula. A Alfabetização Cultural acompanhou a turma 2018 durante esses três anos e de tudo que vivenciei aqui, sou capaz de dizer, com segurança, que a cultura não é medida a partir da classe social. Todas as atividades feitas nesta disciplina foram marcantes, não só para mim, como para todos os meus colegas, que estiveram lado a lado nesta caminhada. O Museu da República, a Casa Roberto Marinho, o Palácio Guanabara, a Festa da Primavera do Humaitá, na qual cada aluno falou de suas histórias e raízes, podem ser destacados como lugares a que pertencemos. São, sim, um pedacinho do nosso chão.

Como resultado do trabalho entre as disciplinas de arte, fizemos uma apresentação, que foi intitulada: Leituras de si e do mundo – Histórias entrelaçadas, estéticas em movimento. Foi tão interessante, que o Pró-Saber publicou um catálogo de mesmo nome.

Figura 3 – Portfólio Leituras de Si e do Mundo



Acervo da autora

A apresentação nos levou para a Festa Literária Internacional de Paraty - FLIP. Viver esse momento com todo o grupo foi sensacional e inesquecível.

Tivemos também o privilégio de participar da exposição de um artista chinês, extremamente contemporâneo, moderno e blogueiro, chamado Ai WeiWei no Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB.

Também fomos ver nossa professora Liana Castro, na Fundação Progresso. Por mais uma vez, me senti admirada. Todos esses lugares representam um desejo concluído, pois se não fosse essa instituição de ensino maravilhosa, eu não teria prestigiado acontecimentos tão inesquecíveis e não estaria aqui contando essa linda história vivida.

Fotografia 6 - Apresentação na FLIP, em Paraty



Autor: Mauro Ferreira

Com cada passeio cultural que fiz, me tornei um ser multiplicador de cultura. A arte literalmente encanta e nos tira do lugar. É uma bela expressão de liberdade, que proporciona aprendizado por meio de experiências e vivências. Tudo isso, sem dúvida alguma, frisa minha trajetória.

Certamente é um privilégio fazer parte do Pró-Saber, que usufrui do

diferencial de abraçar e constantemente nos surpreender, nos projetando a crer nas possibilidades, comprovando que somos pertencentes à história do nosso país, da arte e da cultura de todo o mundo. Desejo que todas as instituições de ensino possibilitem a ida de suas crianças a passeios culturais para que se afirmem como seres históricos, que elaboram e produzem cultura.

Outra disciplina marcante foi a Oficina de Leitura e Escrita, com a professora Liana Castro. Nesta disciplina, comecei a exercitar minhas memórias e a arte de escrever. Confesso que os primeiros quatros meses de 2018 foram realmente desafiadores, uma vez que lidar com o novo é mesmo assustador. Porém, conforme o tempo foi passando, consegui enfrentar meus medos e insegurança.

Os momentos que temos ao reavivar as lembranças que estão guardadas são muito gratificantes, porque são nossas histórias que, por muitas vezes, nos são roubadas pelo tempo. Até me encontrar com esta disciplina, não passava pela minha cabeça que a nossa memória era um de nossos maiores patrimônios. Pude aprender que um texto literário tem a capacidade de nos deslocar, nos tirar do lugar, sem contar o poder que tem de mexer com a nossa imaginação. A leitura nos faz viajar e o mais simples torna-se o mais bonito e nada está perdido, quando se tem imaginação e criatividade. Os livros nos convocam, nos dão foco, puxam o zoom da nossa memória, nos fazendo pensar.

A escrita e a leitura me ajudaram a organizar o meu pensamento, reforçando minha imaginação e repertório. Poder me aprofundar no mundo de alguns escritores como Bartolomeu Campos de Queiroz, Lygia Bojunga, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector (que amo) e Maria Conceição Evaristo, reforçou minha aprendizagem e me deixou mais culta em relação ao mundo literário. Como já dizia Bartolomeu Campos de Queiroz, eu também acredito que a literatura é um espaço onde o que sonhamos encontra-se com o diálogo (QUEIRÓS, 2011).

Hoje, eu tenho absoluta certeza do quanto é importante priorizar o ato de ler. Me aprofundei na história da Carolina Maria de Jesus, com a qual muitos se identificam, por fazer parte da favela. Ela conta, com propriedade do real retrato que vivemos, por conviver com o preconceito. Carolina, assim como muitos, foi excluída pela sociedade, simplesmente, porque morava em uma comunidade. É triste, porém,

a realidade que nos resta é ter esperança de que um dia teremos coragem de virar esse jogo. Esta mulher negra, moradora da favela, não teve acesso à escola, mas mesmo assim, carregava dentro de si o sonho de ser professora. A meu ver, o seu destaque se deu simplesmente pelo fato de escrever a verdade. Foi por essa história real de vida, que eu e o grupo tivemos o privilégio de assistir no teatro à peça sobre a autora, chamada “Eu Amarelo”, que nos prendeu e nos envolveu de uma forma mágica.

Na primeira vez que fui ao teatro, eu tinha 14 anos, foi um passeio da escola e saí de lá encantada. Acredito que, assim como ele contribuiu com minha aprendizagem, também pode desenvolver a potencialidade de nossas crianças, porque é uma forma de socialização e expressão.

Agora, como educadora, falando sobre outra importante forma de arte, tenho sempre que priorizar o ato de ler para minhas crianças. Esse é um ato de carinho muito importante para o desenvolvimento e a aprendizagem delas. Durante essa caminhada, posso dizer que foi uma grande satisfação o exercício de escrever sobre minhas memórias, voltar ao tempo como na produção de um diário. Quando eu era mais nova, eu adorava registrar os acontecimentos do dia e repetir essa experiência foi incrível. Foi diante da escavação feita para a produção da monografia, que me encantei com a produção do meu primeiro portfólio, que era confeccionado a cada término de semestre, por cada um da turma 2018.

Fico impressionada, porque o que parecia ser impossível de ser construído, me dá hoje em dia muito orgulho. É sério, nem acredito que fui eu mesma que fiz! Nesta disciplina pude compreender o quanto a leitura é significativa e transformadora. Atualmente, sou escritora das minhas vivências e leitora da minha escrita. A leitura tem o poder de ampliar a nossa imaginação, enriquecer o nosso repertório, nos fazendo crescer e experimentar novos horizontes, sensações e sentimentos.

Diante disso, posso destacar aqui o texto de João Cabral de Melo Neto (1994) “Tecendo manhã”, que confirma que um precisa do outro e que, entre histórias e contos, um vai tecendo com a história do outro. Nós usamos esse texto como um gatilho para a nossa apresentação das histórias entrelaçadas e, principalmente, para

nossa exposição na Bienal do Livro.

Foram dois momentos de muito desafio, porque a vida é assim e exige alguns sacrifícios. Se quisermos obter bons resultados, temos que nos doar de corpo e alma. Ao meu ver, são esses desafios que me transformaram em uma educadora comprometida com o meu fazer, ciente do caminho a seguir para obter uma educação de valor, sempre dando voz e vez às crianças, sem esquecer que cada uma tem seu tempo.

. Posso destacar que foram momentos inesquecíveis que para sempre vão fazer parte da minha história. Sou agora uma pessoa muito melhor, aprendi que não se pode rejeitar a história de ninguém, cada uma tem sua particularidade, seu sonho, sua fantasia. A literatura nos faz perceber que, ao nos aprofundarmos na história do outro, podemos conhecê-lo melhor e isso, no meu entender, é um ato de respeito ao próximo e uma forma a mais de alcançar o conhecimento. Com as aulas da professora Liana Castro posso dizer que a literatura passou a me ajudar a viver.

Não posso negar que foi tudo muito desafiador, mas o importante é não desesperar, porque lidar com o novo assusta mesmo. Tudo aos poucos vai se encaixando e você vai se encontrando conforme vai conhecendo cada disciplina.

Foi diante de toda essa experiência que eu, Simone e Josimar enfrentamos o grande desafio de participar dos Encontros Paralelos Leitura Literária na formação de Professores no Salão da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ. Foi um desafio daqueles, que me fez sentir realizada e muito mais confiante. Com o acolhimento e incentivo de todo o grupo, incluindo a professora, percebi que posso persistir, sem receio, em todas as possibilidades de crescimento que me aparecerem. Tudo pode acontecer, se você acreditar no seu potencial diante de todas as oportunidades.

Com toda a experiência aqui vivida, me vejo no dever de focar na minha formação de leitora e escritora para passar com propriedade todo o meu conhecimento para cada educando. Quero poder olhar para tudo o que vivi e sentir orgulho por saber que, de alguma forma, vou poder contribuir para o desenvolvimento de uma criança dentro do mundo literário.

É lógico que eu não poderia deixar de falar de outra disciplina que me marcou e me ajudou a ver tudo com outros olhos - "O Currículo na educação infantil" com a professora Patrícia Gonzales. Uma educadora maravilhosa, na qual eu percebia no olhar o prazer de compartilhar os seus saberes. Sempre que ela estava em sala, eu ficava a admirando e pensando: "Quando eu crescer como professora, quero ser assim, igual a você".

Ficou marcada a forma como narrava as histórias infantis. Eu sentia todo o carinho e cuidado ao reservar esse momento especial para todo o grupo. Eu me sentia acolhida e importante, ou melhor dizendo, uma criança de 5 anos, encantada com sua professora.

Com o estudo desta disciplina, pude conhecer e entender a importância do currículo e quando você pensar no mesmo, a primeira coisa que tem que vir a sua cabeça é a criança.

O currículo nos abre caminhos, é flexível e sua proposta é muito mais abrangente do que só uma lista de objetivos. Ele abre caminhos significativos para uma educação que liberta. O currículo traz consigo a responsabilidade, as conquistas e o planejamento. O professor que estuda a sua prática e entende a importância do currículo fará a diferença no mundo educacional.

Por falar de currículo, não posso esquecer de três coisas básicas: O que ensinar? Para quem ensinar? Como ensinar? Pois, como vimos anteriormente, no currículo pedagógico, a criança vem em primeiro lugar, ela é a protagonista e nesse lugar tem voz e vez.

A criança que se desenvolve numa base curricular constrói cultura e conhecimento. Porém, para que tudo faça sentido, o professor tem que assumir o seu papel e ser comprometido com o que faz. Como professora, tenho a responsabilidade de seguir os instrumentos metodológicos que são: observar, avaliar, registrar, encaminhar e planejar. Só com o foco nessa criança, com um olhar observador, praticando o vínculo, o acolhimento, e com comprometimento, irei fazer a diferença como educadora. Isso é tudo o que sempre acreditei e o Pró-Saber reforçou e me encaminhou para o melhor caminho que é o da educação com dedicação.

Em Metodologia da Pesquisa tem como objetivo nos auxiliar na formulação do nosso TCC, pude compreender que tenho que ter propriedade ao abordar o tema escolhido, porque ele terá a minha digital, minha essência. Para um bom trabalho de pesquisa, se faz necessário organizar a escrita, que é nossa arma principal e um dos recursos mais preciosos. Além das minhas experiências e vivências, tenho que trabalhar a escrita e exercitar o meu pensamento. Neste processo, é importante lembrar que eu tenho que me apropriar do meu raciocínio e da minha reflexão.

Segundo Madalena Freire (2008), a escrita materializa, dá concretude ao pensamento, dando condições assim, de voltar ao passado, enquanto se está construindo a marca do presente. (p. 55).

Foi aí que percebi a importância do registro, como arma de luta e seu objetivo de trabalhar a meu favor. Todo esforço dedicado à escrita serviu para deixar minha marca no mundo. Diante do resgate das minhas memórias, através da escrita, pude perceber o meu crescimento pessoal e profissional.

2 UM MERGULHO EM SI AO ENCONTRO DO NOVO

Nesta concepção de educação democrática, trabalhar o pensamento é importante para termos autoria. Os registros possibilitam apropriações e representam o mais poderoso instrumento da consciência pedagógica. Com isso, me pego a pensar que, se não tivesse abandonado o ato de escrever, não teria perdido parte da minha memória com o tempo, pois poderia revisar, quando quisesse e me lembraria de quase tudo que foi esquecido. Através dos registros, construímos a nossa capacidade reflexiva sobre o que sabemos e tudo que ainda não dominamos.

Uma vez que entendemos que a informação atrai e a experiência encanta, com o meu trabalho, pretendo mostrar para o mundo porque escolhi fazer esse curso. Durante o meu percurso no curso, não construí nada sozinha, tudo partiu de uma construção coletiva. Essa experiência vivida com o grupo contribuiu para o meu aprendizado e desenvolvimento como educadora. Tudo faz parte de uma interação, na qual precisamos estar abertos ao novo para vivenciar novas experiências e, com isso, inspirar outros professores.

Ainda considerando tudo que disse antes, não foi fácil. Porém, temos que enfrentar todos os nossos medos, uma vez que eles nos impulsionam a seguir em frente. Não se deixar paralisar durante a caminhada é o mais importante.

A educação e o conhecimento são a revolução do mundo. Hoje eu tenho a convicção do quanto quero fazer parte deste processo de transmitir conhecimento da forma mais significativa possível. Quando entendemos que a concepção democrática é o caminho, nos sentimos seguros para voar. Para um ensino de qualidade, basta você não esquecer que tudo deve ser feito com rigor e muito amor. Vivemos uma transformação diária. Nesse encontro com a concepção democrática, a mudança é diária. Não posso achar que conquistei e pronto, acabou. Só através da nossa transformação poderemos conseguir transformar.

Portanto, vestir a camisa do agir, criar, ensinar, aprender e reconstruir, é essencial. De acordo com Madalena Freire, você precisa gostar de gente, amar gente para que possa desenvolver um bom trabalho e ser um educador

comprometido com o seu fazer, pois marcará vidas para todo sempre. É preciso ficar atento a todos os nossos movimentos, uma vez que somos usados como espelho por cada criança que por nós passar. Somos seres de comunicação e, por esse motivo, temos a capacidade de estar sempre criando algo novo.

Hoje sei da importância e reconheço toda a diferença que o acolhimento faz e, como ser humano e educadora, quero dar o meu melhor, ser o espelho para cada criança que por mim passar. Quero ser comprometida com o meu ensinar, passar confiança para os meus alunos, quero que se sintam acolhidos para que se tornem seres pensantes e confiantes em si. Só assim eles poderão sonhar e acreditar que esse desejo será possível de ser realizado. Quando você acolhe, automaticamente, está criando oportunidades para que essa criança evolua em sua aprendizagem.

Quando há a valorização do ser humano, passamos a nos sentir mais seguros. Tudo parte do olhar observador sempre valorizando o ser humano. O primeiro vínculo da criança é com a mãe e, com o passar do tempo, vamos nos constituindo de outros vínculos. Posso dizer que, durante o meu tempo escolar na infância, não me lembro de ter tido esse olhar observador e devido à essa falta em casa e na escola, só foi possível perceber minhas dificuldades com a leitura, na terceira série.

É por esse motivo que acredito na educação democrática do Pró-Saber, sempre observando com carinho o ser humano e percebendo suas limitações, respeitando o seu momento e acolhendo no que for preciso. Este gesto de afeto passa segurança e a aprendizagem fica muito mais compreensível. E se hoje tenho o privilégio de fazer parte deste corpo docente maravilhoso, é porque o Pró-Saber acredita no ser humano e, lá atrás, uma pessoa chamada Heloísa Rego, ao me olhar, me acolheu e acreditou no meu potencial. Confesso que antes de toda essa transformação em minha vida, nem eu mesma acreditava em mim.

Foi por ter sido acolhida e vivido essa experiência, que hoje defendo o quanto é importante compreender e considerar a importância da construção do vínculo na educação infantil. Já está confirmado que as relações afetivas significativas, no contexto familiar e escolar, contribuem para o desenvolvimento de cada criança.

Quando uma criança não conta com os elementos que o ser humano deve

encontrar em sua evolução dentro da família, se estabelece um equívoco muito violento com relação ao meio ambiente próximo. Isto induz a possíveis desvios na capacidade de formar vínculos afetivos.

A ligação da criança a uma ou mais pessoas depende, em parte, de maturidade neurológica (tanto que não ocorre antes de certa idade). Porém, tudo depende de boas condições de contato. Existe um lado de programação genética de instinto e um lado de aprendizagem. O ser humano nasce com a predisposição para se relacionar com outros seres humanos. Entretanto, se a criança não contar com essas figuras que tomam conta dela, que a estimulam socialmente, só irá se vincular muito mais tarde, ou nem chegará a se vincular.

Considerando-se que o conceito de instinto está ligado à evolução das espécies, para um desenvolvimento natural do vínculo afetivo, é preciso um ambiente no qual esse ser possa evoluir. A espécie humana é geneticamente sociável. Logo, para um desenvolvimento afetivo adequado, a criança precisa de ligações estáveis. Não basta alguém que a cuide, a troque, lhe dê mamadeira e a ponha para dormir. A relação de afeto é indispensável, desde que estejamos dentro da barriga de nossas mães.

Enquanto adultos, precisamos agradecer, rir e brincar com essa criança, manter uma relação na qual fique claro o prazer de estar com ela. Toda criança, para o pleno desenvolvimento de sua personalidade, necessita de amor e compreensão. Sempre que for possível, deverá crescer sobre o amparo e a responsabilidade de seus pais e, em todos os casos, em um ambiente de afeto e de segurança moral e material.

Todas as crianças, quando inseridas na educação infantil, carregam muitas questões pessoais e dúvidas dentro de si em relação ao mundo. Diante destas dúvidas, surgem as curiosidades e, por isso, nos fazem tantas perguntas e nos rebatem a todo momento. A criança é um ser pensante desde de que nasce e não podemos ignorar este fato. Elas têm a motivação de querer saber e muitos de nós, como profissionais em sala de aula, acabamos por ignorar essa questão.

Neste momento, o educador ganha um papel que vai além de só passar conhecimento, esse profissional ampara a criança na construção do seu caráter, na

formação de valores e conceitos. Mesmo que se torne complicado, em alguns momentos, lidar diretamente com a criança, é importante que o educador consiga estabelecer uma boa comunicação com ela. A concepção democrática, que inspira a prática pedagógica no Instituto Pró-Saber, trabalha com a importância da criança. Ela sempre está em primeiro lugar, ela é a protagonista. Nesta concepção, todas têm o direito de se expor e de se colocar com o seu pensar. Com isso, por muitas vezes, se faz necessário refletir se estamos realmente dando espaço a cada uma delas.

Durante minha caminhada, pude perceber que os educadores nem sempre cuidam realmente de seus educandos de forma carinhosa. É necessário perceber que o ato de educar nos liga ao cuidado, assim, sendo educadora, é meu dever zelar pelo outro e caso não seja capaz de cumprir com esse ato nobre, meus conceitos devem ser revistos.

Nosso grande desafio é resgatar a nossa sensibilidade e sempre nos colocar no lugar dos nossos alunos. Esse resgate é importante para que a criança se sinta ouvida, afinal, nossa missão é estar com e não contra ela. Como educador, além de acolher o novo, é preciso acolher cada um que chega, com sua bagagem e necessidades. Hoje, é comum, para o professor, fazer uma confusão entre afeto e autoridade, assim como, carregar a crença de que é obrigação da família educar e a escola ensinar.

Quando falamos de educação e de vínculo, a primeira palavra que vem à cabeça é o princípio de tudo, o amor, porque, para estar nesse trabalho, mesmo sabendo que cada um ama como pode e como sabe, não podemos perder o entusiasmo desse sentimento. As crianças são sensíveis, elas sentem, nos têm como modelo. É importante, como educador, ter consciência de que marca eu quero deixar nessas pessoas.

Todos nós, que buscamos educar alguém, temos que buscar ser luz para nossos educandos, para assim ser luz na nossa competência. Como educadora, tenho que trazer a criança para mim. É necessário entender que não há erro algum em colocar sua criança no colo, escutá-la e conversar sobre o que a aflige.

Na educação infantil, há um papel importante que é o de lidar com a fase de

transformação que representa uma grande janela para o desenvolvimento de cada criança. Elas, por muitas das vezes, nos chegam com grandes carências, inclusive afetivas, e, como formadores, temos que estar preparados para dar, também, esse tipo de suporte emocional afetivo a cada uma delas. Essa afeição é um fator fundamental para o desenvolvimento da inteligência e da capacidade de aprendizagem do ser humano. Assim, fico triste, quando presencio a falta de atenção aos alunos mais agitados, fato que demonstra que nem sempre o olhar afetivo está bem distribuído ou até mesmo presente nas salas de aula.

Acredito, por fim, que devemos ter intencionalidade em construir um ambiente estimulante para que as crianças possam se desenvolver em todas as dimensões de sua vida. A afetividade e a inteligência são processos construídos e contínuos. Dessa forma, o objetivo da minha pesquisa é poder atrair a atenção para a importância dos vínculos emocionais na relação educador e educando, uma vez que o afeto é um ingrediente primordial em qualquer relação humana.

3 A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Cabe ao educador, refletir se está realmente dando espaço às crianças, percebendo suas necessidades para então agir e contribuir de forma significativa para o seu desenvolvimento.

Quando se trata da relação entre criança, família e escola, tudo deve ser dinâmico e verdadeiro, essa interação define-se pela participação dos educadores e dos seus responsáveis, sem deixar de se interessar pela história de vida de cada um. A escola deve ser um espaço que ofereça todas as condições possíveis que fortaleça esse laço afetivo. A construção deste vínculo só será possível se o educador resgatar sua sensibilidade e passar a se colocar no lugar do aluno, por muitas vezes, esquecemos que já estivemos nesta mesma posição.

Como educadores de comunidade, por exemplo, precisamos estar atentos às necessidades do dia a dia, resgatando a sensibilidades para que possamos enxergar o sofrimento e toda a angústia que cada aluno com dificuldades traz. O professor só vai perceber isso, se tiver mais empatia, conseguindo enxergar o seu aluno e sempre indo em busca de outras formas para trabalhar em sala de aula.

No entanto, não adianta trabalharmos com projetos, com temas geradores, se continuarmos a reprovar nossos alunos com o olhar. Com a metodologia do Pró-Saber, eu aprendi que, quando adotamos o autoritarismo, estamos desconhecendo a criança como pessoa essencialmente humana e com capacidade de decisão. O educador precisa estar atento ao seu saber e fazer pedagógico, se distanciando desse autoritarismo.

Essa é uma profissão bastante complexa. Não somos pai nem mãe, mas devemos cuidar das crianças com amor. O ato de educar exige essa dimensão de cuidado e se não é possível cuidar do aluno com a afetividade não é possível ser educadora.

Para sermos professores, precisamos lidar com gente e neste processo há uma função parental que é a capacidade de acolher o outro do jeito que ele é. Tudo deve ser feito dentro da norma, com limite, rigor e amor, lembrando que o princípio e o fundamento de tudo é o vínculo. Esta é uma reflexão que a cada dia fica mais

clara para mim. Todo ser humano durante a vida procura este sentimento, mesmo sendo tão difícil por muitas vezes entrar neste assunto. Quando falamos para um educador que o princípio fundamental para a educação é o amor, todos acham simples, porque cada um ama seu aluno de um jeito.

Por vezes, os professores nutrem este sentimento, mas quando a criança não entra no padrão do esquema escolar, ele retira sua responsabilidade e isso não acontece por maldade, mas porque ele considera correto, pois se fizeram assim com ele, todos fazem assim e a instituição que resolva. De minha parte, aposto no afeto radical em que, entre a criança e o esquema da escola, o professor opta pelo aluno porque esta é a educadora que eu quero ser, a que se compromete com cada um e vai contra o padrão, porque se importa com todos. São experiências assim que temos que viver em nosso país, precisamos de mudanças substanciais no currículo e reinvenção da escola do futuro, dos sonhos.

Esta é a esperança de todos os educadores que passam pela concepção democrática. Com toda essa experiência vivida no curso, fica difícil não mudar a forma de olhar e agir. Quando somos acolhidos, nos sentimos seguros para criar algo novo todos os dias. Um professor comprometido com o seu ensinar acredita na mudança significativa e luta por ela; está aberto ao diálogo.

A ideia, portanto, é fazer um convite para a reflexão acerca dos laços afetivos que marcam e interferem na vida e no desenvolvimento da criança. O vínculo deve ser considerado e respeitado, não apenas como direito legal, mas também, como necessidade humana.

No entanto, o vínculo criado entre professor e criança, na educação infantil, é tão importante quanto outros parâmetros considerados primordiais pelo modelo de ensino. É resultado de uma relação afetuosa, que carrega a generosidade de acolher o outro. Mesmo que esteja errando, precisa ser ouvido. Quando não há uma relação de afeto entre educador e aluno, a criança passa a ter medo de errar e ser criticada.

Afinal, somos seres sociais, aprendemos um com o outro constantemente. Acredito que essa aproximação afetiva entre ambos torna o ensinar muito mais prazeroso e significativo, tudo passa a ter mais relevância, porque não é qualquer

um que está me ensinando e sim aquele professor que tanto gosto. Falo com propriedade sobre isso, pois aconteceu comigo. Aprendi a ler com a professora Bete, a única capaz de me acolher, quando percebeu que minha dificuldade em aprender nada mais era que a ausência do saber da leitura.

Devido à ausência do vínculo, eu me contive por anos, deixando de desenvolver possibilidades, como por exemplo, tirar minhas dúvidas em público. Por várias vezes, me vi afastada do grupo, por não ter coragem de falar e, ao perceber que não tinha atenção, me sentia excluída, logo, desenvolvia baixa interação com o outro. Quando sou acolhida, me sinto especial e segura, pois sei que tem alguém ali por mim, me dizendo que não existe o certo ou errado e que, caso eu caia, terei o incentivo necessário para me levantar e seguir.

Posso dizer que até entrar no Pró-Saber ainda me sentia sem segurança, não acreditava no meu potencial, nunca conseguia terminar nada que começava, por me sentir incapaz de prosseguir e o mesmo quase aconteceu assim que comecei o curso. Foi diante do mergulho na história de cada um ali presente que passei a me sentir pertencente, acolhida. Sem dúvidas, o vínculo criado pelos educadores de lá me possibilitaram o crescimento, me fizeram sentir segura em me impor e expor, lutando pelo que acho certo e acreditando no meu desejo de que, se eu eu quero e tenho fundamento, eu posso fazer a diferença. Dentro desta metodologia, aprendi que o medo faz parte do processo da aprendizagem, do agir e do fazer, ele que me move, me ajudando a recomeçar.

Não vou negar que o desafio é imenso, nada é fácil, mas temos que estar sempre indo atrás de novas formas para transformar, mudar. Sou a prova de que o ser humano só desabrocha, quando se sente valorizado. Durante toda minha caminhada no curso, não fiz nada sozinha, tudo partiu de uma produção coletiva. O grupo e cada professor contribuíram bastante para o meu aprendizado.

Reconheço que, se o vínculo não estivesse presente em cada parte desta instituição de ensino, o meu crescimento como pessoa teria se perdido. Se hoje estou aqui, podendo contar essa linda história, é porque a todo momento me senti valorizada e acolhida, por todos ali presentes, dos visitantes ao meu amado porteiro Tião, que sempre me recebeu com um sorriso e um aperto de mão forte.

Se, agora, estou aqui defendendo a importância do vínculo, é porque ficou claro, diante das minhas reflexões e observações, que a falta de valorização do sujeito o torna alguém sem uma história para contar, pois não foi motivado a seguir diante das dificuldades.

Tudo o que escrevi aqui diz respeito ao ato de pertencer, conhecer e ter feito parte deste lugar incrível, que valoriza o ser humano, dando voz e vez sempre respeitando o fato de que cada um tem seu tempo e sua forma particular de aprender. No Pró-Saber, encontramos o real valor de ser acolhido e valorizado, porque aprendemos fazendo, praticando e vivenciando, como já dizia Paulo Freire: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, P., 1996. p. 22).

Somos seres de experiências e vivências, nunca seres individuais e sim de pluralidade e descobertas. Somos todos carregados de significados. Com isso, posso dizer que foi imensamente significativo todo o caminhar, todos os sentimentos de alegria, desesperos, diante dos desafios encontrados, emoções e descobertas que hoje me colocaram aqui, plena, feliz e realizada por saber que, agora, uma parte da mudança na educação infantil está em minhas mãos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trago neste trabalho toda minha experiência de vida até chegar à realização de um sonho. A escrita me possibilitou compreender que todo o processo de ensino e aprendizagem não ocorre de forma isolada, tudo parte de uma produção coletiva da troca com o outro. A experiência vivida por mim no Pró-Saber me possibilitou o resgate das minhas memórias, me mostrando o real valor do ser humano que está aberto às experiências, disposto a se reinventar e aprender a lidar com o novo e o medo diariamente.

O privilégio de fazer parte deste lugar de sonhos e resistência foi o que permitiu o meu avanço como pessoa, me preparando para possibilidades futuras. Esse é um tipo de pesquisa que envolve a própria prática e, por esse motivo, saio do curso carregada de experiências. Sei o quanto é importante estarmos abertos às novidades para que assim possamos ampliar o olhar e, por mais que estejamos mergulhados em nosso cotidiano, tudo deve ser observado com carinho e atenção, como se fosse a primeira vez, pois o olhar sempre vai trazer algo novo para nos desafiar.

A escrita é nossa arma principal e um dos recursos mais preciosos. Por mais parecida que seja, cada experiência vivida nela é única, pois carrega a minha digital. Importante ressaltar aqui que todos sabem a receita, mas a essência é exclusivamente de minha autoria. Todas as lembranças e o misto de emoções vividas, foram tecidas pouco a pouco durante minha caminhada, em que manter o equilíbrio foi essencial para que eu pudesse elaborar uma monografia que atraísse e envolvesse o leitor.

O destaque dado a uma instituição de ensino acolhedora, que tem como foco principal o sujeito que sonha, busca e tem a capacidade de amar foi o caminho escolhido para encarnar toda a teoria estudada. Nascemos do amor e por isso somos geneticamente amorosos, só aprendemos por amor ou por ódio, mas nunca pela indiferença, nela não há vínculo e as possibilidades de desenvolvimento do ser humano são anuladas.

Quando falamos desse ensino é essencial que os educadores tenham sobre a

criança um olhar atencioso, percebendo, assim, como se dão as relações afetivas. É importante lembrar que tudo só será possível se o professor possuir sensibilidade para identificar quando seu aluno está com dificuldades. A afetividade, seja no espaço privado ou público, é essencial para o desenvolvimento da criança.

A construção do vínculo neste sentido é de extrema importância para a construção do caráter e do processo cognitivo de cada um. Isso sem contar que, quando são inseridas em um ambiente afetuoso, os alunos passam a ter mais respeito com o próximo.

Com tudo isso, concluo reafirmando que um professor amoroso, comprometido com o seu ensinar, faz com que as crianças se sintam mais seguras. Suas aulas tornam-se mais significativas, capazes de incentivar uma aprendizagem muito mais prazerosa.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **A literatura é esse espaço onde o que sonhamos encontra o diálogo**. Entrevista concedida a Rogério Pereira. Brasília: Plataforma do Letramento, 2011.

SILVA, Maria Cecília Almeida. **O objeto da Psicopedagogia**. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2006. (mimeo).